

Caderno de Cultura Nódoa no Brim

SADE PERVERTIDO, ou quando o fetiche se volta contra o feticheiro

Gabriel Giannattasio (UEL)



Muitos leitores deste modesto ensaio já ouviram falar no nome de Sade ou, mais possivelmente, na expressão *sadismo*. Pois bem, posso garantir-lhes que a relação entre os termos, *Sade/sadismo*, é da mesma natureza que a relação entre o *passado* e a *História*. Sim, a *História* não existiria sem o *passado*, mas a *História* é diferente do *passado*. Do mesmo modo, o *sadismo* não existiria sem Sade, mas ambos são de naturezas distintas. O que quero dizer é que Donatien Alphonse François de Sade se encontra entre aqueles autores cujo pensamento se desdobra numa miríade de interpretações e o *sadismo* é só mais uma delas.

A multiplicidade das máscaras sadeanas repercutiu e se imprimiu na história da recepção deste escritor: filósofo para alguns poucos, libertino para outros, por vezes literato e pornógrafo francês para muitos. Efetivamente a reabilitação do maldito marquês, promovida pelos círculos literários franceses do início do século XX — destaque aqui a figura de Guillaume Apollinaire e dos surrealistas — levou a transvalorização da imagem satânica de Sade para consagrá-lo sob a aura do divino marquês. Com isto, não quero dizer que a Europa e, em particular, a França, não o conhecessem anteriormente a este trabalho de ressignificação. O próprio termo *sadismo* surge da leitura que a nascente psicopatologia de Krafft-Ebing fez da obra do libertino francês. Mas, foi na aurora do século passado que a legenda Sade adquiriu contornos de uma literatura altamente recomendável, seja nas palavras de Apollinaire que o reconhece como ‘o espírito mais livre’, seja nos círculos surrealistas que o destacam como um ‘gênio de fertilíssima imaginação’ — paradoxalmente, nascido em pleno século da razão.

DA IMORTALIDADE DA ALMA - Primeiro

Discurso

Marquês de Sade

em nós; é somente em consequência dos movimentos impressos em nosso corpo que nosso cérebro se modifica ou que nossa alma pensa, deseja e age. Como poderia nosso espírito manifestar-se em outra coisa além do que conhece? Ou conhecer outra coisa do que sentiu? Tudo comprova da maneira mais convincente que a alma age e se move segundo as mesmas leis que regem os outros seres da natureza; que não pode ser distinta do corpo; que nasce, cresce, se modifica nas mesmas progressões e que, por conseguinte, perece com ele. Sempre dependente do corpo, vemo-la passar pelas mesmas gradações: inepta na infância, vigorosa na idade madura, gélida na velhice; sua razão ou seu delírio, suas virtudes ou seus vícios nunca são senão o resultado dos objetos exteriores e de seus efeitos sobre os órgãos materiais. Mediante provas tão fortes da identidade da alma e do corpo, como foi possível imaginar que essa porção de um mesmo indivíduo gozasse de imortalidade enquanto a outra perecia? Os imbecis, após terem feito dessa alma fabricada a seu bel-prazer um ser simples, inextenso, desprovido de partes, absolutamente diferente, em suma, de tudo o que conhecemos, pretenderam que não estava sujeita às leis que encontramos em todos os seres, cuja perpétua decomposição a experiência nos mostra; partiram desses falsos princípios para persuadirem-se de que o mundo também tinha uma alma espiritual, universal, e deram o nome de Deus a essa nova quimera da qual a de seu corpo passava a ser uma emanção. Daí as religiões e todas as fábulas absurdas decorrentes, todos os sistemas gigantescos e fabulosos que haviam necessariamente de resultar dessa primeira extravagância; daí as idéias romanescas de penas, recompensas após essa vida: o mais revoltante dos absurdos; pois, se a alma humana fosse uma emanção da alma universal, isto é do Deus do universo, como poderia merecer ou desmerecer? Como, perpetuamente acorrentada ao ser de que emana, poderia ser livre? E, sabendo isso, punida ou recompensada enquanto tal? E que os sectários do estúpido sistema da imortalidade da alma não nos venham dar sua universalidade como prova de sua realidade. [...]

SADE, Marquês de. **Diálogos entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias.** Trad.: Alain François e Contador Borges. Iluminuras, São Paulo, 2009. p. 19-20.

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIÁRIO DA NOTÍCIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso em Estudos Literários

Programa de Pós-Graduação
PPGEL

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wldiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501



Sem dúvida, nada é mais absurdo do que o sistema das pessoas que teimam em dizer que a alma é substância diferente do corpo; seu erro provém do orgulho que sentem ao supor que esse órgão interior tem o poder de retirar idéias de seus próprios fundos. Seduzidos por essa primeira ilusão, alguns entre eles levaram a extravagância a ponto de acreditar que trazemos, ao nascer, idéias inatas. A partir dessa hipótese ridícula, fizeram da parte a que chamaram de *alma* uma substância isolada à qual concederam o direito imaginário de pensar independentemente da matéria, da qual emana exclusivamente. Essas opiniões monstruosas somente se justificavam afirmando que as idéias são os únicos objetos do pensamento, como se não fosse comprovado que apenas nos podem provir dos objetos exteriores que, ao agir sobre nossos sentidos, modificaram nossos cérebros. Sem dúvida, cada idéia existe de fato; mas, por mais remota que possa ser sua causa, poderíamos supor sua existência sem esta? Se podemos adquirir idéias apenas por meio de substâncias materiais, como poderíamos supor que a causa de nossas idéias é imaterial? Ousar sustentar que podemos ter idéias sem os sentidos seria tão absurdo como dizer que um cego de nascença pode ter uma idéia das cores. Não, Justine! Não acreditemos que nossa alma possa agir por si mesma ou sem causa em qualquer momento de nossa vida: ela está absolutamente ligada aos elementos materiais que compõem nossa existência, e depende inteiramente deles, sempre submetida às impressões dos seres que agem necessariamente em nós; e os movimentos secretos deste princípio vulgarmente denominado *alma*, conforme suas propriedades, se devem a causas ocultas dentro de nós mesmos. Acreditamos que essa alma se move por não vermos as molas que a movimentam ou por supormos esses móveis incapazes de produzir os efeitos que admiramos. A fonte de nossos erros advém do fato de considerarmos nosso corpo enquanto matéria bruta e inerte, ao passo que *esse* corpo é uma máquina sensível que tem necessariamente a consciência momentânea da impressão que recebe e a consciência do *eu* pela lembrança das impressões sucessivamente experimentadas. Guarda isso, Justine: é apenas e unicamente por meio de nossos sentidos que os seres se tornam conhecidos de nós ou produzem idéias

SADE PERVERTIDO, ou quando o fetiche se volta contra o feticheiro

Gabriel Giannattasio (UEL)

No Brasil, os registros desta história, da recepção da obra sadeana, são bem mais recentes. Passados mais de cem anos da morte de Sade, ocorrida em 1814, não houve rastros da presença dele no círculo de leitores nacionais. Os primeiros vestígios deixados por ele em terras tupiniquins datam dos anos 1930, quando uma editora do Rio de Janeiro, *Irmãos Pongetti*, traduziu e publicou a obra do alemão Otto Flake (1880-1963), na qual o citado autor constrói uma biografia do marquês justificando-se, logo no prefácio da mesma: [...] **tudo o que viveu merece atenção [...]. Certamente é mais nobre consagrar seu tempo a Calvino ou a Leibnitz do que a Sade [...]. Mas os fenômenos negativos completam os fenômenos positivos e somente no estudo de uma natureza problemática se verifica o valor da saúde, da regra, da humanidade superior [...].**

A leitura das obras de Sade por Otto Flake se insere na perspectiva de que devemos conhecer o mal para melhor saber evitá-lo. Depois disto o nome de Sade voltou a circular novamente, entre nós, somente no início da década de 1960 — excetuando algumas notas em jornais e esporádicos fragmentos — com a publicação do livro organizado por Jamil Almansur Hadad. Pela primeira vez foi disponibilizada uma coletânea contendo textos integrais, neste caso são as *Novelas*, em uma edição brasileira. Tivemos, assim, o que podemos denominar de um ‘segundo momento da história da recepção da obra de Sade no Brasil’, não apenas pelo reconhecimento literário e filosófico do autor francês do século XVIII — a edição organizada por Almansur Hadad trazia como texto de abertura um ensaio escrito por Simone de Beauvoir intitulado “*Deve-se queimar Sade?*” — mas, alimentado por um novo contexto que se inaugurou com os anos 1960. Não é sem importância lembrar que Sade teve, a partir da obra pioneira de Almansur Hadad, a tradução e publicação no Brasil de seus mais importantes romances na segunda metade da década de 1960. A partir daí o pensamento e a obra de Sade foram recepcionados no mercado editorial, nos teatros, no cinema, na música, nas artes plásticas. E, durante este processo, foi sendo preparado o terreno para sua entrada triunfal na academia, em 1989.

Nos anos 1960 e 1970, a obra de Sade passou a alimentar uma agenda libertária e contracultural, transformando-a em um libelo demolidor da igreja. Apresentando-a como um manifesto em defesa do amor livre para, assim, alçá-la à condição de crítica contumaz da tradicional estrutura familiar patriarcal e heterossexual, tornando suas personagens femininas — Juliette em especial — como modelo da ‘nova mulher’ emancipada [e hoje ‘empoderada’] para finalmente, no Brasil em particular, colocá-la sob a bandeira da *liberdade* na luta contra a *ditadura*.

Ao longo destes mais de 200 anos que nos separam da morte de seu autor, a obra de Sade foi, quando não esquecida, interpretada das mais diferentes perspectivas: anárquica, moralista, fascista, depravada, humanista, criminosa ou, ainda, como afirma Otto Flake, doentia! Contudo, a partir dos anos 1960, certa imagem de Sade foi sendo construída e conquistando hegemonia, de tal modo que seu pensamento foi se tornando compreensível e sua monstruosidade foi sendo assimilada como produto de uma imaginação inofensiva. O libertino francês, regenerado pela vanguarda surrealista na primeira metade do século XX, estava apto a se tornar herói reformador da cultura ocidental. Cabe lembrar o leitor que no primeiro manifesto do surrealismo, datado de 1924, já se podia ler: “Sade é surrealista no sadismo” (BRETON, André, 1985, p. 59). Ou seja, a expressão mais crua e selvagem do homem e de Sade se tornava bela e sublime na arte onírica.

Este processo de reabilitação de Sade, tornando-o um escritor popular e reconhecido pela crítica especializada, teve seu preço: o *edulcoramento* e domesticação de sua literatura. Uma literatura, até então, absolutamente selvagem, cruel e desumana. A divinização do autor foi paga com a gradativa perda da força perturbadora de seu pensamento e com a paulatina dilapidação da potência de escandalizar. A conta sempre vem e, neste caso, a moeda de troca, usada para transformá-lo no ‘divino marquês’, foi tornar o monstruoso um animalzinho de estimação. Tal problema já havia sido apontado, na primeira metade do século XX, por um crítico francês que via com desconfiança a divinização da lenda Sade, chegando a intitular um de seus textos com o sugestivo nome: “*Se admiramos Sade nós adoçaremos seu pensamento*”.

Não me coloco à margem deste processo, pelo contrário, vejo-me inserido nele. Também conspirarei contra a potência avassaladora de um pensamento selvagem. Aquietei a alma transformando o desassossego em

tese acadêmica e cometendo, para tanto, a pior das heresias, ao submeter um pensamento da evasão — que é uma das marcas de sua natureza — às normas do campo de concentração acadêmica. Foi o preço pago para a santificação do nome Sade e seu ingresso na plêiade dos autores consagrados. **Mas não é de hoje que se pretende higienizar a humanidade. Inclusive, admitimos certa parcela de perversão humana a fim de melhor controlá-la. Não somos mais masturbadores, sodomitas, sádicos, masoquistas, somos humanos, a menos que pratiquemos em excesso, aí nos tornamos desumanos. A realização do projeto de paz se estende até nossa cultura sexual; o sexo passou de pecado a medicamento. E, a fim de fazer do sexo algo natural, saudável, que faz bem ao coração e à saúde, estipula-se quantas vezes ele deve ser praticado. Cria-se uma maneira certa e higiênica de foder.** (ARRUDA, Juliana Aparecida de Lima, 2013).

Em contraposição a este fluxo, chamo a atenção para um trabalho editorial que guarda muitas lições sobre o caso Sade. Trata-se de uma edição brasileira do livro do marquês chamado *A filosofia na alcova*. Descoberto, por acaso, em um dos tantos sebos espalhados pela cidade de São Paulo, a edição *privada e fora de comércio*, não traz o nome do editor, nem do tradutor. Não há qualquer referência sobre os responsáveis por tal projeto, nem revela o ano de sua edição. Nada! Tais características não eram as marcas sob as quais circulavam os livros profanos, libidinosos e, no caso específico de Sade, que depunham e atentavam contra a humanidade em pleno século das luzes? Personagens que filosofam em meio às orgias, no anonimato de suas fantasias e sob o abrigo clandestino das alcovas?

O século XX inverteu a relação que o autor libertino havia estabelecido com a cultura iluminista de seu tempo. Se, no século XVIII, Sade havia levado a filosofia para ser submetida ao exame do corpo, agora o corpo é conduzido à mesa de dissecação da *razão*. A pedagogia das Luzes perverteu, num lento processo de deglutição, a sabedoria guardada no testamento de Sade: **Uma vez recoberta, serão semeadas glândulas por sobre a cova, afim de que com o tempo, o terreno da sepultura se encontre enfeitado e a mata a cubra. Os vestígios da minha existência desaparecerão da superfície da terra, do mesmo modo que a minha memória se apagará da lembrança dos homens, exceto, contudo, daquele pequeno número que quis por bem me amar até o último momento e dos quais levo para o túmulo uma cara recordação.** (PAUVERT, Jean-Jacques, 1990, p. 371). (tradução do autor).

Sade não é um moralista para as multidões, não é um pedagogo das massas e nem deveria compor o currículo de qualquer universidade — como reivindicou Camille Paglia. Sabiamente ele alertava, com certa insistência, que dirigia-se a um pequeno círculo de pessoas, àquelas capazes de compreendê-lo. E esta foi, sem dúvida, uma das grandes questões em torno de seu espólio no século passado. A quem se dirige a obra do famoso libertino? Quem é seu leitor ideal? A aposta de servir Sade em jantares populares obrigou os novos *chefs* do mercado de letras a poupar nos temperos, pela necessidade de torná-lo palatável.

Sua exposição ao grande público foi, inclusive, tema e argumento do famoso julgamento, em meados da década de 1950, em cujo centro estava o editor Jean-Jacques Pauvert (1926-2014), julgamento que acabou por estabelecer as diretrizes para a primeira edição das obras completas do marquês. De lá para cá fomos submetidos a uma dieta rigorosa. Os banquetes orgiásticos se transformaram em refeições balanceadas e o que, até então, nos parecia monstruoso se tornou uma culinária politicamente correta: **A filosofia de Sade é acosmista, como se diz em ontologia: a natureza é desordem, violência, gozo, amoral, e nós apreendemos isso como crueldade. Ser libertino é ser agente deste princípio acosmista. Delicioso mesmo é violentar meninas e meninos inocentes. Se forem filhos e filhas, melhor. Em "120 Dias..." o filósofo analisa quatro tipos de paixões. As simples: penetrar meninas de sete anos, gozar na cara delas, beber urina, comer fezes. As complexas: flagelo, sacrilégio (comer alguém num altar de igreja), incesto. As criminosas: queimar meninas por dentro, sodomizar crianças de dois anos. E as assassinas: se masturbar enquanto uma grávida tem suas entranhas rasgadas. Gostou? Não há Sade para vegetarianos ou gente preocupada com um mundo melhor. Sade vomitaria em cima deles.** (PONDÉ, Luiz Felipe).

CONTOS PROIBIDOS DO MARQUÊS DE SADE

Samuel Lima (PPGEL/UNEMAT)



foco narrativo, ao longo do filme, expande-se para as demais figuras que habitam o mesmo espaço, além de precisar, com ironia refinada, os costumes e hipocrisias da época. Na trama, a incidência da libertinagem é a pedra de toque para a devassidão dos corpos, do sexo e de tudo mais que possa ser derivado da prática sexual. Aos afincos leitores da característica prosa sadeana, será possível perceber os contornos psicológicos e aflitivos que compõem a personalidade de uma figura altamente complexa, tal como é a do Marquês de Sade.

Geoffrey Rush é quem dá vida ao protagonista, em uma das melhores e mais brilhantes interpretações masculinas do início do século XXI (o ator foi indicado ao Oscar por sua atuação), dividindo a cena com Madeleine (Kate Winslet, sempre magnífica), em espaços em que ambos vão, paulatinamente, tentar publicar os textos pornográficos compostos na prisão, até então proibidos de circular em público. Concomitantemente a este fato, o roteiro evidencia a tentativa médica de curar o personagem de sua possível loucura.

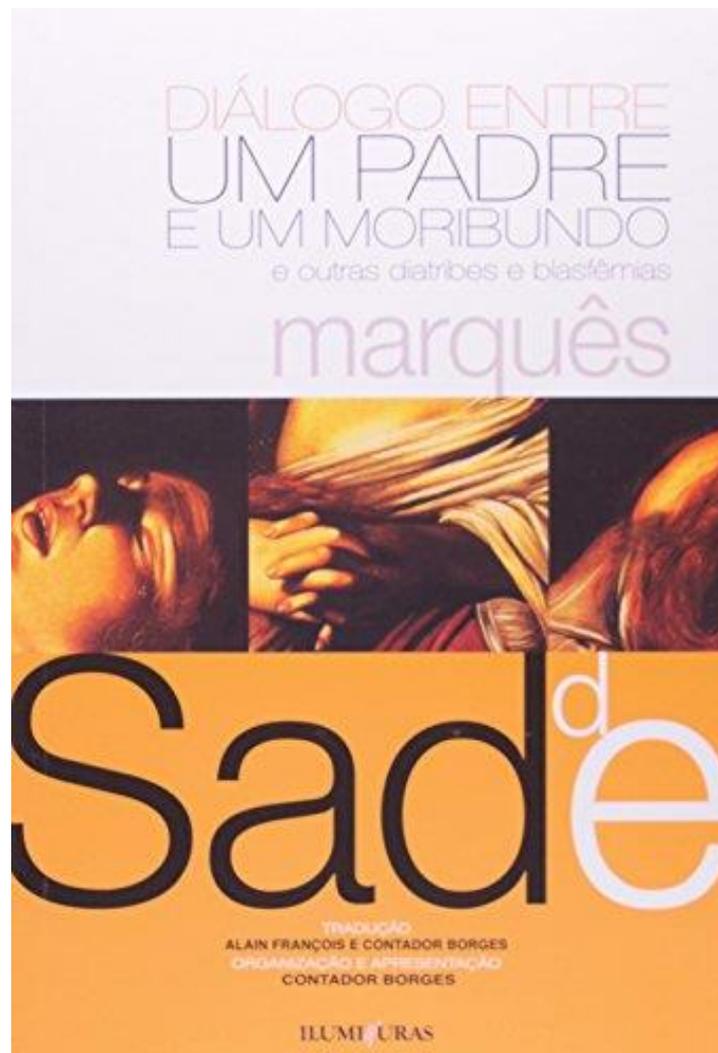
A narrativa é presentificada pela densidade do conflito entre a escatologia humana e os interditos que circundam a vida dos personagens. Aliada ao erotismo dos corpos, a construção da moralidade pode certamente esbarrar nos muros do tripúdio, ou da própria filosofia. Para aqueles cinéfilos que buscam narrativas que enfrentem e dialoguem com os dilemas morais e éticos da sociedade, a obra **Contos proibidos do Marquês de Sade** se mostra uma opção substancial para fomentar a discussão sobre o que pode – ou não – ser aceito no campo da sexualidade.

A literatura produzida por Sade é uma das mais emblemáticas e, certamente, calibrada por um espírito de ruptura com os padrões morais socialmente impostos. A vida do Marquês, cercada por polêmicas e, sobretudo, por uma mística que ele próprio alimentava, constitui a matéria-prima para o filme do diretor Philip Kaufman, intitulado **Contos Proibidos do Marquês de Sade** (título original: *Quills*, 2001). Dessa forma, o longa-metragem busca compreender especialmente a fase em que o Marquês se encontrava preso em um manicômio, na França. A opção do enredo por focar este momento da vida do mestre dos libertinos se mostra extremamente acertada, pois o

Livro de Cabeceira

DIÁLOGO ENTRE UM PADRE E UM MORIBUNDO

Natália Marques (PPGEL/UNEMAT)



Consagrada inicialmente por seu ateísmo, a obra *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias* (1782), do libertino Marquês de Sade, convida-nos a mergulhar nos limites entre o sagrado e o profano. Por meio do diálogo entre um padre (representando os dogmas cristãos) e um moribundo (como uma representação do homem dotado de desejos pela volúpia da carne), o narrador expõe toda sua opinião sobre a existência de Deus, bem como sobre a legitimidade da igreja e sua moral, que fundamentam suas bases em mandamentos celestes volúveis de contestação. Dessa maneira, a narrativa explora e defende a liberdade de escolher e de fazer uso do corpo como território erógeno, transgredindo os interditos que a moral cristã impõe.

A narrativa possui seu foco numa conversa informal entre um moribundo (que não aceita a ideia de um Deus e de sua moral) com um padre que se propõe a salvá-lo, já que sua vida está chegando ao fim. Conforme acredita o padre, todos têm direito ao arrependimento, entretanto, o moribundo não aceita e não acredita nos preceitos por ele pregados. O moribundo, um devasso insano que pregava a lubricidade e o uso profano do corpo, decide então viver os seus últimos dias de vida usufruindo do prazer e dos deleites carnavais, mostrando, dessa forma, o que o homem é capaz de fazer pela prática sexual, transgredindo os interditos que a moral cristã estabelece. Em *Diálogo entre um padre e um moribundo* a filosofia materialista desconstrói a ideia de Deus, bem como a questão dos dogmas pregados e naturalizados pela igreja, ou da necessidade de uma religião para se obter a redenção. Assim, é presentificada uma prosa que defende a liberdade, o pensamento livre, o direito de vida e de escolha, mais especificamente de fazer uso do corpo para obtenção de prazer, pois o erotismo está intimamente ligado à manutenção da vida.

O DEDO DE DEUS EM SADE: ENTREVISTA COM EDSON BURG

Samuel Lima (PPGEL/UNEMAT)



N.B.: Na atualidade, é possível afirmar que há maior liberdade e espaço dentro das academias para os estudos sobre a literatura libertina?

Sim, mas não é um movimento necessariamente novo. No caso específico de Sade, as primeiras publicações no Brasil datam da década de 1960, assim como alguns estudos de Simone de Beauvoir, Guy Endore e Jean Desbordes sobre seus escritos. E, obviamente, um marco foi a pesquisa da professora Eliane Robert Moraes (USP), no final dos anos 1980. Mais do que liberdade na academia, creio que as possibilidades de acesso aos textos e estudos tornaram essas pesquisas possíveis, daí a proliferação de pesquisas sobre Sade e outros autores da literatura libertina. Em 2014, por exemplo, o colóquio “Sade e o Limite: 274 Anos de Transgressões”, organizado por um grupo de pesquisadores da USP, reuniu pesquisadores sadeanos de várias universidades do país, com abordagens bastante distintas, o que considero significativo nessa apropriação metodológica que fizemos dos escritos de Sade e mostra sua ampla difusão dentro do meio acadêmico.

N.B.: As obras de Sade foram proibidas durante um longo período. A que o senhor atribui essa proibição?

Ao radicalismo do texto sadeano, que não faz concessões em sua crítica à moral, à religião e às outras formas de um possível adestramento do sujeito. Interessante que no século XIX, quando Sade era proibido, mas seus textos começaram a circular clandestinamente, foi justamente esta proibição que o tornou fascinante. E a veneração dos surrealistas nas primeiras décadas do século XX o consagraram definitivamente, tanto que, desde então, Sade tem sido constantemente estudado mundialmente – e, mais uma vez, destaco a infinidade de abordagens possíveis. Ou seja: a proibição só fez ascender o interesse pelos escritos sadeanos, acabou, ironicamente, de elevá-lo.

N.B.: Há uma parcela da crítica que afirma que as personagens sadeanas não possuem profundidade psicológica. O senhor concorda com tal afirmação?

Essa é uma das abordagens de minha tese: ler os textos de Sade como fórmulas, que partem de uma matriz única, mas têm sua potência justamente na possibilidade de recombiná-los. Os princípios e meios de atuação dos libertinos sadeanos são próximos, eles têm em comum sua adesão à vida viciosa e sua busca pelo prazer, mas cada um atende aos próprios gostos (como na variação dos senhores de Silling, em “Os 120 Dias de Sodoma”) e conceitos, como os muitos libertinos que cruzam o caminho de Juliette e colaboram em sua formação libertina. A própria polaridade entre as irmãs Justine e Juliette, aliás, é desmontável: ambas transitam entre o vício e a virtude que as caracteriza, mas suas trajetórias não são essencialmente lineares.

N.B.: A transgressão pode ser dita como a principal marca nos escritos de Sade?

É uma marca, mas vai para além disso. O problema de elencar unicamente a transgressão como referência é justamente cair no erro de considerar tudo muito raso em Sade, como se o radicalismo dos escritos se desse pela crítica à moral, pela adesão ao ateísmo, pela valorização do crime em relação à virtude, etc. Se fosse assim, creio, não teríamos essas abordagens tão díspares e fascinantes dos muitos estudos de Sade. A meu ver, a transgressão em Sade está no próprio texto, em sua forma de escrita patética, uma ânsia de “tudo dizer” que gera esses personagens e situações intercambiáveis – enfim, como fórmula. É uma forma de transgressão, obviamente, mas não aquela comumente ligada a ele.

Nesta edição dedicada aos escritos do polêmico Marquês de Sade, o **Nódoa no Brim** conversou com **Edson Burg**, Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Jornalista por formação, trabalhou como repórter de cultura e crítico de cinema nos jornais **A Notícia** e no **Notícias do Dia**, em Joinville – SC. Atualmente, é coordenador dos cursos de Cinema e Comunicação na UniSociosc, também em Joinville. Entre setembro de 2015 e agosto de 2016, cumpriu estágio de Doutorado-Sanduíche na Université Sorbonne-Paris IV. Edson tem experiência sobre a prosa sadeana, tendo escrito a tese **O pathos em Sade, ou A escrita como fórmula**, bem como vários textos que investigam a imagem sadeana em toda a sua complexidade.

Nódoa no Brim: Professor, em seu percurso acadêmico há uma forte verticalização para o estudo da prosa sadeana. Como surgiu o seu interesse para estudar as obras do Marquês de Sade?

O interesse surgiu a partir de “Saló ou Os 120 Dias de Sodoma”, de Pasolini. Assisti ao filme em 1999, e uma década depois decidi estudá-lo durante o mestrado – contudo, a complexidade dos escritos de Sade abriu outras perspectivas, tanto que continuei com a pesquisa no doutorado, sempre relacionando a prosa sadeana com o cinema. É um universo enorme, pelo volume e pelas possibilidades de abordagem. Não por acaso, muitos pesquisadores de Sade que conheci em meu percurso seguem estudando-o após muitos anos, justamente por ser um campo tão vasto de conhecimento.

O DEDO DE DEUS EM SADE: ENTREVISTA COM EDSON BURG

Samuel Lima (PPGEL/UNEMAT)

N.B.: *Em Os 120 dias de Sodoma (1785), obra máxima de Sade escrita enquanto estava preso na prisão da Bastilha, cuja história é de quatro libertinos que experimentam todo o tipo de prazer sexual, há um forte embate e crítica à religião. Como o senhor avalia esse fato?*

Não só à religião. Vale lembrar, cada libertino representa um tipo de poder: a igreja (o Bispo), a nobreza hereditária (o Duque), a nobreza republicana (o Presidente) e o poderio financeiro (Durcet). Essa relação com a religião parece mais latente porque, no embate com toda forma de moral, a religião surge como principal inimiga, vamos assim dizer, por ser uma forma de adestramento mais efetiva – ao colocar o crime dentro da religião, como em “Os 120 Dias de Sodoma”, no convento que castiga Justine nas três versões de sua história, ou na visita de Juliette ao Papa Pio VI, para ficar apenas em alguns exemplos, Sade desarticula os princípios da religião e a coloca como a mais bem-sucedida forma de despotismo, justamente por estar travestida de uma necessidade do sujeito em adorar (e temer) a Deus.

N.B.: *Em sua tese O pathos em Sade, ou A escrita como fórmula, o senhor afirma que é impossível dar uma definição categórica às obras de Sade por elas estarem carregadas de pathos. Comente um pouco sobre essa questão.*

A própria ideia de categorização é oposta ao *pathos* porque o patético é aquilo não medido por uma ordem moral, é o caráter pulsante do viver sem uma lógica sistematizada – como fazem os libertinos sadeanos. O texto de Sade é um constante “estar afetado” para fora da razão; é tentar, paradoxalmente, transformar em escrita formal um desejo incontrolável e, por isso mesmo, não formalizável. Por não estar construída a partir de uma estrutura lógica e racional, esta escrita impetuosa ultrapassa sua própria concepção e pulsa ilimitadamente; longe de ter forma hermética, ela se caracteriza por seu caráter rizomático, por sempre pedir re-interpretações. O *pathos* em Sade é a potência de (re)criar a partir de um estado de embriaguez, de perda dos preceitos que compõem a figura humana como a moral, a religião e os costumes. Daí a noção de *fórmula*: diferentemente da *forma*, bem definida e fechada em si, a fórmula abre possibilidades de re-interpretações por ser movimento constante, por ser, vamos assim dizer, patética.

N..B. *Ainda em sua tese, há uma discussão sobre as definições de Maldito e Divino, termos esses atribuídos a Sade. Como seria isso?*

Justamente porque esses adjetivos o caracterizam formalmente, o categorizam. Uma crítica que faço a alguns pesquisadores de Sade é justamente a tentativa de autovalorização por mexerem naquilo “proibido”, “radical”, “transgressor”. Sade vem sendo constantemente estudado há pelo menos mais de um século e ainda não saímos dessas definições? Os surrealistas elevaram Sade à condição de divindade, mas é preciso um afastamento dessa idolatria para se tentar extrair uma leitura potente. De novo: a proliferação de estudos sadeanos mostra suas inúmeras possibilidades de abordagem, e já passamos do momento de simplesmente ovacioná-lo como “maldito” ou “divino” para buscar uma crítica mais robusta.

NB.: *Como o Sr. avalia essa onda atual de intenso conservadorismo político e social tanto no Brasil quanto em outros países ocidentais? Em sua opinião, quais são as raízes dessa tendência social e qual é, a seu ver, o papel dos estudos literários voltados para o homoerotismo e, em especial, para a literatura libertina no atual panorama de ascensão da extrema direita e de retrocesso sócio-político?*

Lembro que há alguns anos, quando censuraram a estreia de “Um Filme Sérvio” no Brasil, muitos daqueles que combateram o lançamento da produção admitiram não ter assistido a um minuto sequer do filme (que é bem descartável, aliás, mas cada um deveria ter o direito de querer assisti-lo ou não). Com Sade, a mesma coisa quando ele começou a ser publicado na França por Jean-Jacques Pauvert, isso nos anos 1940 – o editor, inclusive, foi levado a julgamento por tornar

público os escritos sadeanos. O conservadorismo tem como princípio essa pretensa capacidade de julgar o que deve e (principalmente) o que não deve ser consumido como arte, e os recentes acontecimentos no Brasil deixam isso bem claro. Então é difícil pensar em um papel dos estudos literários nesse panorama porque, acredito, os conservadores não estão nem aí para qualquer forma de conhecimento – e, se soubessem, provavelmente iriam rejeitar sem nem ao menos saberem exatamente do que se trata. O problema, para mim, é exatamente esse: uma ânsia à proibição, ao controle absoluto (não apenas na arte, mas em outras questões sociais também), que tem como ponto de partida a estupidez de rejeitar qualquer coisa sem ter a mínima noção do que se trata.

N.B.: *Por fim, é possível afirmar que Sade está mais vivo do que nunca em nossa contemporaneidade?*

Sem dúvida. E, nesse cenário que discutimos anteriormente, não apenas Sade, mas a arte, como potência, precisa estar viva para combater justamente essa atrofia conservadora. É como escreve Bataille: a literatura é a possibilidade de tudo dizer, irascível, por isso necessária, principalmente quando se tenta cercear o pensamento em nome de um adestramento moral.

